

Colaboração jornalística na era dos grandes vazamentos de dados¹

Carla Miranda Barroso de Freitas²
Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo se dedica a mostrar a importância do caso conhecido como Diários do Afeganistão, trazido à tona graças aos documentos secretos do governo americano obtidos pelo site WikiLeaks, como capítulo das colaborações jornalísticas internacionais. Tal trabalho mostrou o amadurecimento do trabalho conjunto, principalmente entre os veículos que atuaram desde o início das investigações, o americano *The New York Times* e os europeus *The Guardian* (Inglaterra) e *Der Spiegel* (Alemanha).

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; colaboração jornalística; WikiLeaks.

1. Introdução

Jornalistas em busca de furos e uma fonte de comportamento errático, reunidos em torno de documentos sigilosos do governo americano, vazados em inacreditável volume. Enredo certo para um filme ou um livro - que de fato vieram a público. Mas também um importante e definitivo capítulo da história da colaboração entre jornalistas.

O trabalho de investigação sobre os dados militares e diplomáticos do governo dos Estados Unidos, vazados pelo WikiLeaks e por seu polêmico fundador, Julian Assange, reuniu pela primeira vez o americano *The New York Times* e os europeus *The Guardian* (Inglaterra) e *Der Spiegel* (Alemanha). Uma parceria depois expandida a outros veículos, com destaque para *El País* (Espanha) e *Le Monde* (França).

Entre os contatos iniciais com Assange, realizados pelo jornalista Nick Davies, do *Guardian*, em meados de 2010, até o fim dos vazamentos, um ano depois, essa colaboração passou por diferentes configurações. Moldadas em parte pelas necessidades do trabalho de reportagem em si, mas principalmente pela dificuldade de lidar com a personalidade cambiante de Assange e o pouco apreço que demonstrava pela mídia tradicional, que naquele momento era sua parceira.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Doutoranda do Curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: carlamirandaf@gmail.com.

Nas palavras do colunista de mídia Jack Shafer, da revista digital americana *Slate Magazine*: “Assange odeia os jornalistas que trabalham com ele porque ele se recusa a se conformar com qualquer dos papéis que se espera que ele desempenhe” (SHAFER, 2010). Enquanto durou a relação do WikiLeaks com os veículos de mídia, Assange ora atuava ora como fonte, ora como editor, ora como agente provocador. Ainda de acordo com Shafer, Assange agia o tempo todo como um “negociador imprevisível, sempre mudando os termos do acordo”.

Na época das publicações ligadas ao WikiLeaks, as colaborações internacionais em torno de coberturas complexas já ocorriam há pelo menos duas décadas, geralmente lideradas por associações de jornalistas, como o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ, na sigla em inglês) – hoje nos holofotes pelo trabalho batizado de *Panama Papers* – e a Investigative Reporters & Editors (IRE), a maior e mais antiga entidade do gênero, com mais de 5 mil jornalistas associados. Mas ainda não haviam sido realizadas diretamente pelos veículos de forma tão ampla e completa.

Pode-se dizer que, então, que esse trabalho conjunto desenvolvido por *The New York Times*, *The Guardian* e *Der Spiegel* iniciou um novo capítulo na história das colaborações jornalísticas, que hoje são vistas por profissionais e pesquisadores como uma das principais tendências no jornalismo³. A atuação também levou a outro patamar o trabalho com grandes bases de dados – no total, o WikiLeaks tinha 1,73 gigabytes de arquivos -, conhecimento que foi muito útil em capítulos posteriores dessa história, como nos vazamentos de informações promovidos por Edward Snowden (60 gigabytes) e nos recentes *Panama Papers* (2,7 terabytes), que têm origem nos documentos retirados do escritório de advocacia panamenho Mossack Fonseca, especializado em abertura de empresas off-shore, muitas delas usadas para fins escusos.

A importância das experiências de colaboração como as realizadas no caso WikiLeaks é reconhecida por acadêmicos como a jornalista Sheila Coronel, uma das diretoras da escola de Jornalismo de Columbia, em matéria de Brant Houston (2016, p. 3) para o site da Rede Global de Jornalismo Investigativo (Global Investigative Journalism Network, GIJN). Na opinião dela, um trabalho conjunto como o dos atuais *Panama Papers* só pôde ser construído graças aos laços estreitos formados entre jornalistas ao longo dos anos, em investigações anteriores. “Os laços de

³ Relatório Trends in Newsrooms, 2014, do Fórum Mundial de Editores. Detalhes sobre o tema da colaboração jornalística estão disponíveis em <<http://blog.wan-ifra.org/2014/08/07/trends-in-newsrooms-7-the-growing-importance-of-global-collaborative-investigative-journa>>

solidariedade profissional que se formaram tornaram possível a realização dos Panama Papers” (HOUSTON, 2016, p. 3).

Este artigo se propõe a apresentar a evolução da colaboração jornalística durante o caso WikiLeaks. A pesquisa tem como base inicial os sites dos veículos envolvidos na investigação e as páginas de associações de jornalistas. Também foram coletadas informações em entrevistas, reportagens e artigos acadêmicos publicados sobre o tema.

Utilizar um amplo espectro de pesquisa foi necessário para coletar maior volume de informações sobre a colaboração entre os jornalistas nas reportagens, uma vez que os profissionais revelam pouco – e de forma dispersa – sobre a forma que o trabalho conjunto ocorreu. Essa característica, por sua vez, talvez justifique a carência de livros ou teses acadêmicas que tratem especificamente do modo como essas colaborações ocorrem. A maior parte do material disponível enfoca mais a relação com Assange e o resultado das reportagens.

Para melhor abordar o tema das colaborações, optou-se por primeiro pontuar que o trabalho conjunto sempre foi exceção no jornalismo, uma atividade que culturalmente sempre esteve mais associada ao trabalho autoral e solitário. A atuação colaborativa é, portanto, até hoje um aprendizado para profissionais e veículos de imprensa, sempre em busca do furo de reportagem. Esse paradigma teve de ser quebrado no caso WikiLeaks, trazendo resultados importantes para promover essa mudança cultural.

Um forte indício dessa alteração está na fala do então editor responsável do Guardian, Alan Rusbridger, na introdução de *WikiLeaks: Inside Julian Assange's War on Secrecy* (LEIGH; HARDING, 2011). Segundo ele, as possibilidades abertas pela colaboração estão entre as melhores lições deixadas pelo projeto WikiLeaks. “É difícil pensar em algum outro exemplo comparável de organizações de mídia trabalhando juntas da forma que *Guardian*, *New York Times*, *Der Spiegel*, *Le Monde* e *El País* fizeram”, afirmou. “Acho que todos os cinco editores gostariam de imaginar formar nas quais nós poderíamos cruzar nossas fontes novamente.”

Na sequência, optou-se por focar a primeira fase de vazamentos, os Diários do Afeganistão, que mais traziam pistas sobre a colaboração entre os jornalistas. E também por representarem o momento mais delicado, a montagem dos parâmetros para esse trabalho conjunto, que representava uma complexidade até então inédita para os veículos.

Para dar conta de um objeto mutável e em evolução será adotada a perspectiva de processos de criação, conforme definida pela professora Cecilia Salles (2006), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desta forma, o trabalho conjunto em torno dos vazamentos da Era WikiLeaks pode ser estudado como um ponto do processo de evolução da colaboração jornalística, em relação com os capítulos anteriores e posteriores desta história.

2. A colaboração no jornalismo

A cultura do jornalismo nunca foi tradicionalmente uma cultura de colaboração. Seja entre os próprios jornalistas. Ou entre os profissionais de imprensa e sua audiência. Apesar de o cenário estar se modificando, ainda que de forma considerada lenta, e de já haverem bons exemplos desses dois tipos possíveis de colaboração, eles ainda são a exceção – e não a regra – na imprensa. A rotina jornalística ainda está ligada, em seu cotidiano, ao trabalho solitário de apuração e reportagem. E a cultura predominante nas redações é a do furo jornalístico, um obstáculo claro quando se fala em colaboração.

Em *Anatomy of a Global Investigation: Collaborative, Data-Driven, Without Borders*, o jornalista e pesquisador William Buzenberg diz que algum dia, será comum ver dezenas ou até centenas de jornalistas, em múltiplas empresas de mídia, trabalhando juntos. “Isso é hoje algo extremamente raro”, lembra Buzenberg (2015, p. 30), que foi diretor-executivo do Centro para Integridade Pública, entidade que deu origem ao ICIJ, associação líder dos Panama Papers. “Mas o alto impacto dessas megacolaborações, a um custo relativamente baixo, significa que elas se tornarão mais comuns.”

Buzenberg toca em um ponto que se imagina relevante para acelerar a frequência com que as colaborações ocorrem: o custo. Os problemas financeiros enfrentados pelas empresas de mídia, em âmbito global, são bastante conhecidos. Em um cenário de recursos cada vez mais escassos, viagens internacionais se tornam menos frequentes e o número de correspondentes e sucursais internacionais foi reduzido mesmo nos veículos de maior porte, de projeção mundial. Reportagens que antes eram apuradas *in loco* são hoje realizadas sem que o jornalista saia da redação ou traduzidas de agências de notícias. A colaboração, portanto, é vista como uma forma de driblar essa restrição de recursos, uma vez que os custos acabam sendo distribuídos entre os veículos.

Os profissionais, no entanto, precisam aprender a trabalhar de forma colaborativa. “Unir forças e confiar em outros jornalistas não é algo natural para os ‘lobos solitários’ que trabalham com reportagem investigativa”, lembra Buzenberg (2015, p. 34). “Mais difícil ainda é compartilhar informações obtidas por meio de muito trabalho pesado.”

Visão semelhante tem o hoje acadêmico Alexandre Léchenet, que foi repórter do *Le Monde*, no artigo *Global Database Investigations: The Role of the Computer-Assisted Reporter*, escrito para o Reuters Institute for the Study of Journalism, da Universidade de Oxford. “Apesar de existirem exemplos de colaboração no Jornalismo, a colaboração não está profundamente enraizada na cultura dos jornalistas”, afirma Léchenet (2014, p. 24). “A prática

comum de agir como ‘lobo solitário’, a diferença nos hábitos de trabalho ao redor do mundo e a grande competição entre os veículos são todos obstáculos.”

Em 2010, quando foi definida a colaboração entre os três participantes originais do caso WikiLeaks - *The New York Times*, *The Guardian* e *Der Spiegel* - parte desses obstáculos já vinha sendo removida com o auxílio de associações de jornalistas, tanto em palestras e workshops quanto em reportagens propriamente ditas, algumas envolvendo centenas de repórteres, de vários países. Já havia, portanto, ambiente para que a colaboração fosse cogitada e aceita, assim com já existiam exemplos de trabalhos conjuntos bem-sucedidos.

Rede pioneira nas colaborações, a Investigative Reporters & Editors começou suas atividades em 1975 e em menos de um ano já realizava sua primeira experiência de reportagem compartilhada, o *Arizona Project*. É preciso ressaltar que essa colaboração inicial muito provavelmente só ocorreu de forma tão precoce por causa da trágica morte de um dos integrantes da associação, Don Bolles. O jornalista foi alvo de um atentado a bomba ao investigar uma pista falsa sobre a máfia de Phoenix, Arizona, vindo a falecer na sequência.

Os demais repórteres ligados à IRE não tardaram a se oferecer para continuar as matérias iniciadas por Bolles. Nada menos que 38 jornalistas e editores pediram licença de seus veículos para se dedicar à série de reportagens, que durou cinco meses e foi publicada por 23 empresas de mídia. Além de ser uma das experiências pioneiras de colaboração de grande porte – se não for a pioneira –, o *Arizona Project* guarda outro detalhe interessante: o uso de técnicas de análise de dados em rede, talvez a primeira vez que isso tenha sido feito no jornalismo.

Quem chama a atenção para esse fato é Brant Houston, no artigo feito para o site da Rede Global de Jornalismo Investigativo (Global Investigative Journalism Network, GIJN). “Os líderes do projeto contrataram um professor mostrar a relação entre grupos de governantes e empresários que davam as ordens em Phoenix”, conforme Houston (2016, p. 6).

À época dos vazamentos do WikiLeaks, também já estava em plena atividade o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), criada em 1997 já com a proposta de reunir jornalistas selecionados em torno de grandes reportagens, publicadas na maior quantidade possível de países, em vários meios. O impacto obtido pela associação foi claro desde o primeiro projeto, realizado em 2000. A série “Como Bilhões de Cigarros vão Parar no Mercado Negro”, que investigou as grandes empresas multinacionais de tabaco, foi publicada em dez países. O escândalo causado pelas reportagens fez as companhias serem obrigadas a encerrar seu envolvimento em contrabando de cigarros, que era realizado principalmente em países mais pobres.

3. O caso WikiLeaks

Alguns e-mails traziam dicas. Outros, reclamações. Havia também os que incluíam algum documento anexo, usado como chamariz, na intenção de que o *Guardian* se interessasse por determinado assunto. Nas mensagens, se apresentava como editor ou editor investigativo do WikiLeaks. O relato do então editor do jornal britânico, Alan Rusbridger (LEIGH; HARDING, 2011), resgata os momentos iniciais da relação entre o *Guardian* e o fundador do WikiLeaks, o nômade hacker australiano Julian Assange, em 2007.

Naquela época, nada menos que três anos antes da publicação dos Diários do Afeganistão, Assange e seu WikiLeaks eram praticamente desconhecidos do grande público, mas a periodicidade dos e-mail já havia colocado ambos no radar de Rusbridger, fazendo o jornal britânico ser, por meses a fio, o único a mencionar o grupo ou a escrever reportagens sobre os documentos que estavam sendo vazados.

Guardian e WikiLeaks trabalharam em conjunto pela primeira vez em agosto daquele mesmo ano. O WikiLeaks publicou em seu site um relatório secreto da empresa de investigação privada Kroll sobre suposta corrupção no governo queniano. O então presidente, Daniel Arap Moi, estaria desviando o dinheiro do país para contas secretas no exterior. O *Guardian* publicou uma reportagem sobre o caso – e Assange, com sua alegada política de usar a tecnologia para desafiar estados autoritários e corruptos, entrou de vez na lista de pessoas que Rusbridger achava importante acompanhar. E foi isso que o jornal passou a fazer.

Os caminhos das duas organizações voltaram a se cruzar novamente nos anos seguintes, em 2008 e 2009. Nos dois casos, a alta corte inglesa havia emitido liminar, impedindo que o jornal publicasse decisões contra o Barclays Bank, acusado de evasão fiscal, e contra a multinacional Trafigura, que teria despejado lixo tóxico na Costa do Marfim. Por ter seus servidores na Suécia, longe das severas leis inglesas de imprensa, o WikiLeaks conseguiu publicar as decisões e vários documentos secretos da corte.

Apesar de intensificar as publicações no site, descrito sem modéstia por seu fundador como dotado “um sistema de vazamento de documentos em massa, não rastreável e à prova de censura” (KHATCHADOURIAN, 2010) Assange ainda não havia conseguido a visibilidade que queria. Problema que ele pensou em reverter se aproximando da mídia tradicional. Sua tentativa seguinte foi realizada no Clube Nacional de Imprensa, com sede em Washington, em 5 de abril de 2010. Com tendencioso título *Collateral Murder*, o vídeo exibido por Assange mostrava uma desastrosa operação americana no Iraque, ocorrida três anos antes, em que dois helicópteros Apaches dispararam em direção ao solo matando inocentes, inclusive dois jornalistas, correspondentes da agência de notícias Reuters. Assange não revelou a fonte do vídeo, dizendo apenas que se tratava de material sigiloso vazado dos arquivos do governo americano. Mais uma vez, o impacto de mídia ficou aquém do esperado. Mas o resultado da

divulgação foi praticamente imediato: a prisão do soldado Bradley Manning, analista de inteligência em Bagdá, identificado como responsável pelo vazamento dos dados.

Assange resolveu sumir de cena, levando com ele os mais de 700 mil arquivos secretos passados a ele por Manning. Histórias que pediam para serem reveladas. E foi o *Guardian* que decidiu ir atrás delas (e do nômade australiano).

Experiente jornalista investigativo do *Guardian*, Nick Davies ficou em alerta assim que leu a notícia publicada por Chris McGreal, correspondente do jornal em Washington, em 11 de junho de 2010. O texto dizia que oficiais americanos estavam em busca de Assange e queriam impedi-lo de publicar os milhares de arquivos obtidos por ele. “Senti que aquela era a maior história no planeta”, afirmou Davies (LEIGH; HARDING, 2011). Encontrar Assange antes dos oficiais americanos e também de qualquer outro jornalista se tornou uma obsessão. Enviou e-mails a Assange, sem nenhum resultado prático, acionou várias de suas fontes. Em 19 de junho, veio o telefonema com a dica: o australiano participaria de uma coletiva de imprensa no parlamento europeu, em Bruxelas, no dia seguinte.

Sabendo que não conseguiria chegar a tempo para a reunião, Davies pediu reforços ao editor Rusbridger, que passou a tarefa ao correspondente local, Ian Traynor. Foi ele quem conseguiu separar Assange do grupo que o cercava após a coletiva e propor um encontro com o *Guardian*. A oportunidade que Davies queria estava garantida. Começava ali a história de duas colaborações, que ocorrem paralelamente. A colaboração entre WikiLeaks e a mídia tradicional - que ele tanto criticava, mas com a qual decidiu se aliar para conseguir o impacto que queria para seus vazamentos. E a colaboração entre *The Guardian*, *The New York Times* e *Der Spiegel*.

A caminho de Bruxelas, Davies começou a planejar sua proposta. Contavam a favor a relativa boa-vontade que Assange até então tinha em relação ao jornal, por ser o primeiro entre os grandes veículos a dar crédito ao WikiLeaks. E a notória frustração do australiano com o pequeno impacto obtido com o vídeo dos assassinatos em Bagdá.

Outra questão preocupava Davies. Se a resposta fosse positiva e o *Guardian* publicasse os documentos americanos, o jornal poderia ser processado pela embaixada dos Estados Unidos em Londres, que teria seu pleito respaldado pela dura lei de imprensa inglesa. A resposta que ele encontrou para isso e que levou a Assange foi incluir no trabalho o *The New York Times*. Segundo Leigh e Harding (2011), Davies argumentou com Assange que a administração de Barack Obama nunca iria atacar o jornal, o mais democrata dos Estados Unidos. “Qualquer história publicada a partir de dados WikiLeaks no jornal estaria protegida pela liberdade de expressão da primeira emenda da constituição americana.”

Como se pode notar, a colaboração entre os veículos no caso WikiLeaks não surgiu de forma espontânea ou pelo desejo de compartilhar informações - muito embora o *Guardian*

tivesse certa experiência com colaborações jornalísticas, como a investigação sobre a multinacional Tráficos, realizada em parceria com a BBC. A colaboração ocorreu para que o *Guardian* se resguardasse de eventuais processos. A entrada da revista semanal *Der Spiegel* no grupo, sugerida pelo correspondente Traynor, teria um motivo ainda mais prático. “A revista tem recursos financeiros e a Alemanha também está envolvida na campanha do Afeganistão”, afirmou Traynor (LEIGH; HARDING, 2011).

Acordo firmado, ficou a cargo do editor Rusbridger entrar em contato com seus colegas nos Estados Unidos e na Alemanha. Em artigo publicado no *The New York Times* em janeiro de 2011, intitulado *Dealing With Assange and the WikiLeaks Secrets*, o então editor responsável, Bill Keller, lembrou dessa conversa, na qual Rusbridger falou brevemente dos documentos em poder do *Guardian*. “Ele perguntou: ‘Está interessado?’. Eu estava interessado.” (KELLER, 2011). Keller enviou de Washington a Londres o repórter Eric Schmitt, que logo se integrou ao grupo do *Guardian* que trabalhava em uma seção no jornal, em andar diferente do ocupado pela redação. Pela *Der Spiegel*, chegaram os jornalistas John Goetz e Marcel Rosenbach. Assange ora se integra ao grupo, ora desaparecia.

Por uma semana os jornalistas dos três veículos trabalharam de forma absolutamente colaborativa, gritando seus achados sem desviar os olhos das planilhas de Excel onde estavam reunidos os dados dos Diários do Afeganistão. Também pensavam em formas mais eficientes para mergulhar no material. “Jornalistas são caracteristicamente competitivos, mas o grupo trabalhou bem junto”, contou Keller (2011). “Eles discutiram tópicos que podiam ser explorados e trocaram informações sobre os achados.” A equipe da *Der Spiegel* se ofereceu para cruzar os documentos com as informações que o Exército alemão havia enviado ao parlamento, “em parte como pesquisa adicional para as reportagens, em outra como checagem adicional da autenticidade dos documentos”.

Os representantes dos veículos só se separaram quando o *Guardian* conseguiu compartilhar digitalmente o grande volume de dados com o *The New York Times* e a *Der Spiegel*. O contato entre as publicações se manteve. Cada uma estava livre para escolher os assuntos a priorizar, mas a colaboração continuou.

A publicação se mostrou complexa, como ocorre em todos os casos de colaboração. Apesar de os jornais ainda não terem tido, naquela época, experiência com um trabalho conjunto daquele porte, algumas das opções tomadas se mostraram tão acertadas que parecem ter saído de estudos recentes sobre como atuar de forma colaborativa (ou, quem sabe, tenham de alguma forma ajudado a criar esses paradigmas).

Stephen Stock e Emilia Díaz-Struck são dois dos autores que fazem essa tentativa de dar orientações a quem deseja participar de reportagens em colaboração. Em comum, eles

mencionam, por exemplo, a necessidade de planejamento e a importância de escolher o melhor modelo para colaboração. Stock (2014, p. 4) sugere que se tente primeiro conhecer melhor os outros jornalistas, em conversas e reuniões, algo que foi feito intensamente em Londres, nos primeiros dias de imersão nos dados. Díaz-Struck (2015, p. 5), por sua vez, explica que algumas das questões chave passam pela disposição de compartilhar descobertas, documentos e informação. Da mesma forma que Stock, a autora coloca na lista o respeito ao que foi combinado pelo grupo, seja nos prazos ou na atualização do andamento das investigações.

Toda a operação dos Diários do Afeganistão precisa ser bem planejada. A começar pela necessidade de compatibilizar a publicação em dois jornais internacionais, que trabalhavam em fusos horários diferentes, e de uma revista semanal, nas bancas aos sábados. A decisão foi ignorar o que geralmente seria feito pelos jornais – a publicação em série, ao longo de alguns dias – e partir para uma rodada única de reportagens. O caminho também se mostrou útil para reduzir o receio do *Guardian*, que temia ser impedido pelas leis inglesas de publicar a maior parte do material, se as reportagens saíssem em série.

No dia 25 de julho, às 22 horas, no horário global, os três veículos publicaram em suas páginas na internet suas matérias. E depois em versões impressas. Apesar do escândalo global, os temidos processos não vieram. Mas começavam ali os conflitos entre Assange e seus parceiros. O primeiro deles, o *The New York Times*. Ao contrário do outros dois veículos, o jornal americano decidiu não colocar, em seu material online, um link para o site do WikiLeaks. O motivo era algo que preocupava os três veículos: ao contrário das empresas de mídia, que haviam editado os documentos que acompanhavam as reportagens, apagando nomes de informantes do governo americano, que eventualmente poderiam sofrer retaliações, Assange decidiu colocar o material bruto em seu site.

Uma matéria do jornal americano sobre o soldado Manning ampliou o atrito com Assange. “Debaixo da superfície, essas tensões estavam borbulhando”, como afirmam Leigh e Harding (2011). “Mas para o público, o lançamento dos Diários do Afeganistão representavam um tranquilo e bem orquestrado furo jornalístico.”

4. Considerações finais

Conforme foi mostrado ao longo do artigo, as colaborações jornalísticas ainda são exceção, apesar do grande impacto que podem causar, como se viu no trabalho envolvendo os Diários do Afeganistão. Resistente ao trabalho em conjunto, a cultura do jornalismo resiste ao colaborativo, que acaba por ser utilizado como opção, na maioria dos casos, apenas quando se mostra conveniente. No caso inicial do WikiLeaks, a colaboração foi cogitada para evitar problemas legais que o *Guardian*, que obteve originalmente os documentos, poderia enfrentar

– o que explica a entrada em cena do *The New York Times*, protegido pela primeira Emenda da Constituição americana - e para integrar nas investigações um parceiro com condições financeiras de contribuir para a empreitada, no caso da *Der Spiegel*.

Apesar da resistência cultural e do início não espontâneo, quando se pensa em atitude verdadeiramente colaborativa, os jornalistas envolvidos conseguiram trabalhar bem em equipe, dividindo informações e achados que normalmente seriam encarados como sigilosos, para manter o furo jornalístico. Os depoimentos dos repórteres, assim como os dos editores, demonstram o entusiasmo pelo trabalho conjunto. E também que a relação formada principalmente pelo grupo original resistiu ao posicionamento complicado de Assange.

Nos capítulos posteriores do caso WikiLeaks – os Diários do Iraque e os Documentos Diplomáticos -, essa relação entre os veículos foi testada. Antes da publicação dos Diários do Iraque, Assange alimentava forte atrito com o jornal americano. Rusbridger, do *Guardian*, atuou para aparar as arestas. Da mesma forma, foi o editor inglês que decidiu entregar ao *The New York Times* os arquivos que haviam sido dados pelo WikiLeaks ao *Guardian*, sob a condição de não repassá-los aos americanos. Quando Assange decidiu banir os dois jornais, a *Der Spiegel* manteve-se firme na colaboração, garantindo que também deixaria o WikiLeaks se os demais ficassem de fora.

Tais atitudes fazem do caso WikiLeaks um importante capítulo na história das colaborações jornalísticas. Eles podem e devem ser encarados dentro do conceito de rede, estando, portanto, interligados às investigações anteriores e também às que ainda estão por vir. “O objeto dito como acabado pertence, portanto, a um processo inacabado”, com diz Cecilia Salles (2006, p. 17).

REFERÊNCIAS

BUZENBERG, William E. **Anatomy of a Global Investigation: Collaborative, Data-Driven, Without Borders**. 2015. Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy. Disponível em: <<http://shorensteincenter.org/anatomy-of-a-global-investigation-william-buzenberg/>>. Acesso em: abr. 2016.

DÍAZ-STRUCK, Emilia. **Four Ways to Embrace a cross-border state of Mind**. 2015. The International Consortium of Investigative Journalism. Disponível em: <<https://www.icij.org/blog/2015/11/four-ways-embrace-cross-border-state-mind>>. Acesso em: abr. 2016.

GUNTER, Joel. **Guardian 'double-crossed' by WikiLeaks over Guantánamo leak**. 2011. Disponível em <<https://www.journalism.co.uk/news/guardian-double-crossed-by-wikileaks-over-guant-namo-leak/s2/a543836/>>. Acesso em: abr. 2016.

HOUSTON, Brant. **Panama Papers Showcase Power of a Global Movement**. 2016. Global Investigative Journalism Network. Disponível em: <<http://gijn.org/2016/04/13/panama-papers-showcase-power-of-a-global-movement/>>. Acesso em: abr. 2016.

KELLER, Bill. **Dealing With Assange and the WikiLeaks Secrets**. 2011. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/01/30/magazine/30Wikileaks-t.html?_r=2&adxnnl=1&adxnnlx=1296068577-4JFe9wTu/tXCmM55kWLAmg&pagewanted=all>. Acesso em: abr. 2016.

LÉCHENET, Alexandre. **Global Database Investigations: The role of the computer-assisted reporter**. 2014. Reuters Institute for Studies of Journalism, Oxford University. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/>>. Acesso em: abr. 2016.

MCGREAL, Chris. **Pentagon hunts WikiLeaks founder Julian Assange in bid to gag website**. 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/media/2010/jun/11/wikileaks-founder-assange-pentagon-manning>>. Acesso em: abr. 2016.

SALLES, Cecília A. **Redes da Criação: Construção da Obra de Arte**. Vinhedo: Horizonte, 2006.

STOCK, Stephen. **Journalism collaboration: How to work well with partners**. 2014. News Lab. Disponível em: <<http://www.newslab.org/2014/05/22/journalism-collaboration-how-to-work-well-with-partners/>>. Acesso em: abr. 2016.